

A crítica nietzschiana à vontade de verdade

Mônica Souza de Oliveira¹

Resumo: O propósito geral do texto consiste em analisar a crítica de Nietzsche à vontade de verdade. Trata-se, em geral, de especificar a refutação do filósofo alemão à ideia de que é possível atingir o núcleo ontológico da realidade a qual orientou todo o pensar dogmático da filosofia. Tal discussão nos conduzirá a refletir que a verdade, para o pensador, não passaria de uma convicção que, no fundo, repudiou a vida e seu incomensurável vir a ser.

Palavras-chave: Vontade de verdade. Convicção. Vida

Introdução

A filosofia de Nietzsche opera um afastamento daquilo que, no entender do filósofo, orientou por um longo período a história da filosofia, a saber, a busca incessante pela verdade. Destrutiva, a crítica nietzschiana procura abalar as estruturas dos sistemas filosóficos convictos de que estavam em posse de uma verdade nua e objetiva sobre a realidade. Reveladora, a filosofia de Nietzsche conta evidenciar que a verdade esconde medos, convicções e desejos. No fundo, a vontade de verdade² obedece unicamente à forma que o homem se relaciona com a vida. E é nesta ótica que não deixamos de ponderar que, para o pensador, tal vontade é sintoma de um tipo específico de vida, sinal de declínio vital.

Provocativo, Nietzsche põe em xeque o que se tornou absoluto, inquestionável por muito tempo dentro da filosofia por meio da investigação do que está por trás desse pensar. A partir de investigações profundas, reveladoras e com “ferramentas” apropriadas, o filósofo compreende que questionar as bases e buscar a origem do que se re-

1. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

2. A vontade de verdade, nas palavras de Nietzsche, é a “vontade de tonar pensável tudo o que existe” (ZA II Da superação de si mesmo). Consiste, no fundo, no desejo humano pelo conhecimento essencial da realidade que, no entender do filósofo, esteve presente por muito tempo no pensar filosófico. De acordo com a filosofia nietzschiana, por meio da vontade de verdade, os indivíduos foram impelidos à crença de que há uma verdade que pode ser conhecida, comunicada e perfeitamente pensada.

velou firme podem provocar o abalo de edifícios criados pela tradição filosófica na tentativa de garantir a segurança daquilo que foi a sua maior descoberta: a tão almejada verdade.

Em tal propósito, Nietzsche observa que os filósofos dogmáticos, ao crerem que estavam em posse de uma verdade, operaram exclusivamente com seus entendimentos sobre as coisas, com seus pontos de vista, com suas próprias convicções. Em realidade, Nietzsche não deixa escapar a ideia de que a filosofia dogmática não se deu conta de que a verdade tem como sede um desejo particular de dar ao mundo características que não lhes são próprias. Sob o escopo da vontade de verdade, acreditou-se em um mundo perfeito, em uma realidade verdadeiramente conhecida³.

Na leitura nietzschiana, tal vontade tem como característica fundamental rejeitar a forma caótica à qual condiciona a vida. Sob tal ângulo de visão, o filósofo nos mostra que a vontade de verdade se revelaria como uma forma decadente de se relacionar com a vida. Em geral, o pensador entende que a vontade de verdade diz um profundo não à vida e seu incessante fluxo em nome de uma ordem que fatalmente a ultrapassa.

A vontade de verdade e as convicções filosóficas⁴

Conhecido por um filosofar a golpes de martelo, Nietzsche toma para si a tarefa de demolir os alicerces segundo os quais foram erguidas diversas construções filosóficas que, em geral, confluem para um mes-

3. No entender de Nietzsche, o mundo está longe de ser compreendido em tal perfeição. Condicionado pelo fluxo eterno, o mundo apenas pode ser apreendido em sua dinamicidade infinita. Não por acaso, o filósofo escreve que "o caráter geral do mundo, no entanto, é caos por toda a eternidade, não no sentido de ausência de necessidade, mas de ausência de ordem [...]" (GC § 109).

4. Não iremos fazer uma abordagem aprofundada sobre as teorias que Nietzsche critica, não é esse nosso objetivo. Mas, apenas sustentar, de maneira geral, que para o filósofo o pensar dogmático orientou-se pela vontade de verdade. No limite, estamos refletindo, de acordo com a leitura nietzschiana, que a filosofia tradicional esteve presa a convicções que têm como sede principal a crença no caráter absoluto da verdade.

mo objetivo, a saber, atingir o núcleo ontológico da realidade. Em tal propósito, o pensador procura colocar em questão as grandes formulações filosóficas dos dois últimos milênios, tendo como principal “mola propulsora” o pensamento platônico. Nesta ótica, o filósofo reflete que o desejo pela verdade tem como marco principal “o mais grave, o mais demorado e perigoso de todos os erros [...] um erro dogmático, isto é, a invenção platônica do espírito puro e do bem em si” (BM prefácio). Na verdade, o pensador quer revelar o que move os sistemas filosóficos convictos de que apreenderam o “em si” da realidade desde a existência do pior dos erros que se verificou dentro do pensar filosófico.

Nesta direção, o pensador inicia *Além do Bem e do Mal* declarando que, em espécie de verdade, os filósofos dogmáticos nada conheciam, pois seus sistemas filosóficos não tiveram êxito na conquista da verdade, ou melhor, seus meios para conquistá-la não foram bem sucedidos. A esse respeito, Nietzsche dirá:

Admitindo que a verdade seja mulher, não está fundamentada a suspeita de que todos os filósofos enquanto permaneciam dogmáticos nada compreendiam a respeito de mulheres? E que aquela seriedade sombria, aquela insistência estreita com que eles até agora costumavam palmilhar o caminho das verdades eram meios inábeis e desonestos para obter justamente as graças de uma jovem? Certamente ela não se deixou conquistar: - e toda espécie de dogmática se apresenta hoje com o rosto turvo e desalentado. (BM prefácio)

A analogia feita entre verdade e mulher nos coloca em contato com a provocação nietzschiana frente à tradição filosófica. E é, pois, nesta linha de análise que Giacóia Júnior reflete:

O que ocorreria se aceitássemos a provocação e suspeitássemos, com Nietzsche, que a verdade é uma mulher? A consequência seria desastrosa para a filosofia tradicional, na medida em que esta é predominantemente dogmática. A identificação metafórica entre verdade e mulher coloca sob ridículo a pretensão dogmática à seriedade. (GIACÓIA JÚNIOR, 2002, p. 13)

No entender de Giacóia Júnior, considerar a verdade como uma mulher é desde já revelar o tom de graça colocado por Nietzsche ao refletir sobre os sistemas filósofos convictos de que atingiram a verdade⁵. Revelando-se como péssimos conquistadores, os dogmáticos nada entendiam a respeito da verdade. Aliás, para o pensador alemão, os filósofos permaneceram em profundo sono dogmático, iludidos com o seu ideal de verdade. No fundo, não se deram conta que estavam dormindo, acreditando verdadeiramente em suas imagens oníricas.

Desperto, Nietzsche não procede com esse erro dogmático e assevera que “a vontade de verdade requer uma crítica – com isso determinamos nossa tarefa –, o valor da verdade será experimentalmente posto em questão...” (GM III § 24). Sob tal afirmação, o pensador revela a urgência de uma crítica à fundamentação transcendente da verdade. Afinal, até o momento, ela não foi posta como um problema. Tal crítica nietzschiana terá como propósito abalar as estruturas e verificar se as construções dogmáticas permanecem firmes ou se revelam frágeis.

Empenhado em mostrar o que encobre a vontade de verdade da qual os filósofos dogmáticos partiram para fundamentar seus sistemas acabados, Nietzsche evidencia que tal vontade vela um desejo particular de verdade que ganhou contornos universais. No fundo, o pensador nos direciona a refletir que todos os sistemas filosóficos, orientados por uma verdade objetiva sobre mundo das coisas, acabaram por denotar seus próprios ideais de verdade, seus preconceitos e suas convicções. A este propósito, o pensador esclarece:

5. Para Nietzsche, sob a ideia de uma verdade, os filósofos em questão nos proporcionaram uma longa diversão dentro da história da filosofia. Sobre isso, Nietzsche assevera: “O martírio do filósofo, seu ‘sacrificar-se pela verdade’, põe a nu quanto tem de demagogo e de comediante [...] Na verdade, ao ter o desejo, convém saber claramente o que se poderá ver, nada mais que uma diversão satírica” (BM § 25). No fundo, o pensador compara a filosofia dogmática como um grande espetáculo digno de risos e, então, ele revela que o que nos resta é rir “ou melhor seria abolir esses amigos (e também rir)” (BM § 27).

O que existe no fundo de seus sistemas é uma proposição preconceitual, uma ideia ou uma 'sugestão', que é geralmente seu desejo abstrato e filtrado; e defendem-na com razões postuladas posteriormente. São todos eles advogados que não querem ser assim considerados, geralmente astutos defensores e que batizam como verdades os seus preconceitos. (BM § 5)

Nietzsche, em tal ângulo, sustenta que por trás da concepção de verdade, o dogmatizar na filosofia não procedeu de outra maneira a não ser defender seus próprios preconceitos. Idealistas, os filósofos dogmáticos criaram um mundo à sua imagem e acreditaram que estavam lidando com as próprias coisas. A partir dessa reflexão, o autor alemão quer elucidar que todo o pensar filosófico apenas referia a si mesmo, aos seus próprios ideais. Olhando para longe, sob um ponto de vista metafísico, eles estavam diante de si mesmos, eles próprios se tornaram o ponto referencial para as suas postulações incontestáveis. Superficiais, tais filósofos não deram um passo adiante, pois permaneceram profundamente inertes. Na verdade, não foram além de suas próprias vontades, não ultrapassaram a si mesmos.

No entender de Nietzsche, acreditar que atingimos uma verdade embutida nas coisas não passa, pois, de uma ilusão, já que nas coisas nada encontramos senão nossas "sugestões" sobre elas. É, pois, neste contexto que o filósofo alemão sustenta que "toda grande filosofia não é outra coisa senão a confissão de seu autor" (BM § 6) e, ainda, que "em todas as filosofias há um ponto em que a convicção do filósofo se apresenta em cena" (BM § 8). Em tais passagens, o pensador afirma que o filosofar dogmático não garantiu outra coisa a não ser suas próprias convicções.

Nietzsche ressalta que essas convicções escondem um desejo de dar ao mundo uma ordem e uma unidade para além da sua forma profundamente caótica e desordenada. Provavelmente por medo, por uma

questão de segurança, procederam dessa forma. Tentaram e conseguiram, por um longo período, mascarar o mundo que os cerca, garantindo uma verdade que entra em contradição com o próprio mundo.

Estrategicamente, o pensar filosófico dogmático, não considerou a vida sem leis ou sem ordens. Aliás, como fundamentar verdades em uma realidade desprovida de certezas? Como afirmar um mundo condicionado pelo caos? Como aceitar alegremente o perecimento das coisas? Talvez, isso parecesse uma tarefa não muito fácil para a filosofia orientada pela vontade de verdade. Mais simples e mais confortável consistiu em acreditar que tudo está em ordem, que o homem conhece a realidade mesma de tudo que há. Isso sim dá segurança para ir adiante, para continuar vivendo. Em geral, a problemática do “ser” é a questão determinante dentro do pensar dogmático, segundo o qual conferiu ao mundo um sentido verdadeiro, pensado e idealizado pelas mentes profundas e cheias de convicções.

A vontade de verdade enquanto sintoma de declínio vital

De acordo com a leitura nietzschiana, os filósofos dogmáticos não realizaram outra coisa a não ser negar o mundo em nome de uma verdade. Nesta ótica, Nietzsche percebe que tais filósofos tomaram “a mudança, a transformação, o vir a ser como prova da aparência, como sinal de que aí deve haver algo que nos induz ao erro”. (CI III § 5) Em realidade, o pensar filosófico tomou como base o mundo que preferiram: perfeito e ordenado. Assim, ele seria compreendido, seria conhecido, fora disso, não há verdade e sim aparência.

Em tal reflexão, Nietzsche sustenta que “de qualquer ponto de vista da filosofia hoje em que nos queiramos colocar, visto que em qualquer parte, a coisa mais certa e mais estável é a erroneidade do mundo” (BM § 34). Em rigor, o filósofo indica que, embora postulem sistemas

diferentes, todo o pensamento tradicional da filosofia acaba por defender o mesmo ponto: uma verdade indiscutível que carrega em seu bojo a depreciação vital. Neste ângulo, vale destacar a seguinte ponderação nietzschiana:

Em todos os tempos, os homens mais sábios fizeram o mesmo julgamento da vida: ela não vale nada...Sempre, em toda parte, ouviu-se de sua boca o mesmo tom – um tom cheio de dúvida, de melancolia, de cansaço da vida, de resistência à vida. Até mesmo Sócrates falou, ao morrer: ‘Viver – significa a muito estar doente: devo um galo a Asclépio, o salvador’. Mesmo Sócrates estava farto. – O que prova isso? O que indica isso? [...] Ainda falaremos assim hoje? Podemos falar assim? ‘De todo modo, deve haver uma doença nisso’. (CI II §11)

Nesse horizonte, todo o pensar filosófico não vez outra coisa, desde Platão e sua influência socrática, a não ser demonstrar a suspeita diante da vida, sendo, por isso, rejeitada em favor de uma ordem que a ultrapassa, algo que não se refira à sua desordem. De todos os lados, o pensar dogmático criou seus sistemas fundados na certeza de que o mundo em seu fluxo permanente não passa de uma ilusão.

Para Nietzsche, tal maneira de proceder indica o quanto os filósofos tradicionais estiveram doentes ao acreditarem em imagens que procuram negar a vida. Nesta perspectiva, o autor de Além do Bem e do Mal revela que “todo o incondicionado é uma patologia” (BM § 174), ou seja, acreditar em um conhecimento puro das coisas seria, a princípio, índice de ausência de saúde e, com isso, “pode-se até perguntar como médico: ‘Donde proveio essa doença na mais linda planta da Antiguidade, Platão? [...]’” (BM § prefácio). Certamente, Nietzsche, com sua perscrutação não deixou de questionar sobre a origem dessa doença, encontrando em seu solo um desejo profundo de afastar tudo que representa o caos que condiciona a vida.

No entender de Nietzsche, os filósofos dogmáticos “acham maior gozo na intenção de falsear a imagem da vida, como se fosse vingança; seu fastio da vida está na proporção de sua ação para falseá-la, para desvirtuá-la, para diluí-la, para generalizá-la, para divinizá-la” (BM § 59). Em tal visão, o filósofo admite que considerar uma verdade para além da pluralidade das coisas surge como uma espécie de vingança contra a vida, como se ela revelasse o que há de pior nas coisas. Ao formularem seus sistemas, os filósofos procederam como se estivessem contrários (cansados) à mudança, pois preferem a constância que vigora em seus sistemas filosóficos “de verdade”.

Em tal caso, os filósofos da “vontade de verdade” falsificaram a realidade com a crença no caráter essencial das coisas e, com isso, acabaram se distanciando do confuso que é a condição própria da vida. As unidades ou as essências não correspondem com aquilo que se pretende conhecer e, por isso, não estão se referido ao mundo em sua determinação plural, mas apenas em um mundo que se quer conhecer. Sob tal escopo, a vontade de verdade é tão somente uma vontade de conhecer o que não é possível o seu conhecimento, o que não tem como pano de fundo uma fórmula que nos leve ao seu entendimento pleno. Nesse sentido, o dizer não a tudo que é confuso é o princípio de toda a filosofia orientada pela busca da verdade.

Considerações finais

De acordo com a leitura nietzschiana, todo pensar dogmático filosófico esteve orientado por um desejo incondicional pela verdade. A busca pelo sentido verdadeiro da realidade foi, para Nietzsche, a base de toda reflexão filosófica desde a existência do pensamento socrático-platônico. Acreditar em um mundo perfeito em contraposição a um mundo supostamente enganoso consiste, neste caso, no precon-

ceito mais antigo dentro da história da filosofia, no ideal que influenciou todo o pensamento filosófico-tradicional.

Para Nietzsche, tal modelo de pensamento denota as suas as intenções, as suas vontades e as suas convicções. Fruto de um desejo de dar ao mundo uma ordem para além de sua desordem, a filosofia dogmática não fez outra coisa a não ser revelar suas próprias “sugestões” de vida. Na realidade, como bem compreendeu Deleuze, “Nietzsche não critica as falsas pretensões à verdade, mas a própria verdade e a verdade como ideal”. (DELEUZE, 1976, p. 45) Em tal ótica, a crítica à vontade de verdade realizada por Nietzsche revela as preferências unilaterais de uma filosofia crente em si mesma.

Neste ângulo, o filósofo alemão conta evidenciar que a vontade de verdade é um sintoma de vida. A seu ver, o desejo desmedido pela verdade evidencia o quanto a filosofia dogmática esteve enferma ao lidar com ilusões que depreciam a vida em sua dimensão plural. Por essa razão, o pensador declara que a crença na verdade não é outra coisa a não ser índice de degeneração vital.

Referências

DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a Filosofia. Tradução: Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. Nietzsche e Para Além de Bem e Mal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

MACHADO, Roberto. Nietzsche e a Verdade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARTON, Scarlett. Das Forças Cóslicas aos Valores Humanos. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

_____. Nietzsche: a transvaloração de todos os valores. São Paulo: Moderna, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe (KSA). Ed. G. Colli e Montinari. Berlin/New York/München: de Gruyter. DTV, 1980.

_____. Obras Incompletas. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1999. (Os Pensadores)

_____. A Gaia Ciência. Tradução de Paulo César de Souza. 3. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

_____. Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução de Paulo César de Souza. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1999.

_____. Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Paulo de César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras, 2011.

_____. Crepúsculos dos Ídolos – ou, como se filosofa com o martelo. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. Genealogia da moral: uma polêmica. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.